

dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

2012

Avvio LXX Mensile
n. 11/12 Novembre/Dicembre

Pasta Italiana SpA
Spedizione in Abbonamento Postale
D.L. 309/2002
Costo in L. 21/02/2004 n° 40
art. 1, comma 2 - DCB Roma



RESPONSÁVEIS

PELA CIDADE

DO HOMEM



dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas

Patrizia Bertagnini • Mara Borsi

Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello

Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein

Maria Pia Giudici • Palma Lionetti

Anna Mariani • Adriana Nepi

• Maria Perentaler

Loli Ruiz Perez • Paola Pignatelli

Debbie Ponsaran • Maria Rossi

Bernadette Sangma • Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud

japonês • inspetoria japonesa

inglês • Louise Passero

polonês • Janina Stankiewicz

português • Maria Aparecida Nunes

espanhol • Amparo Contreras Alvarez

alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice

Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma

c.c.p. 47272000

Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970

sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

legge 662/96 Filial de Roma

n. 11/12 novembro-dezembro de 2012

Tip. Istituto Salesiano Pio XI

Via Umbertide 11 00181 Roma

USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	<i>Fé confiável</i> <i>Giuseppina Teruggi</i>	04
DOSSIÊ	<i>Responsáveis pela cidade do homem</i>	05
<i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>		
ENCONTROS	<i>Duas vocações em confronto</i>	09
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	<i>CDEW com as mulheres rumo à plenitude da vida</i>	10
CONSTRUIR A PAZ	<i>Mulheres para a Paz</i>	12
FIO DE ARIADNE	<i>Rumo à sabedoria</i>	13
<i>Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>		
CULTURAS	<i>Creio no futuro do carisma salesiano</i>	18
PASTORALMENTE	<i>Oratório Centro Juvenil: qual futuro?</i>	19
MULHERES NO CONTEXTO	<i>Mulheres para o bem comum</i>	20
MOSAICO	<i>Direitos em jogo</i>	22
<i>Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>		
COMUNICAÇÃO E VERDADE	<i>Informar a verdade</i>	23
A MIM AS CONFIAS	<i>Nossa bela vida</i>	24
VÍDEO	<i>Uma vida simples</i>	26
ESTANTE	<i>Vídeos e livros</i>	27
LIVRO	<i>O verão no fim do século</i>	28
COMEMORAÇÃO	140 ANOS DE HISTÓRIA	29

EDITORIAL neste número...



Fé confiável

Giuseppina Teruggi

Um ano rico de eventos que está prestes a terminar, com seu entrelaçamento de esperanças e preocupações em nível planetário. E um “ano da fé” apenas iniciado, que Bento XVI espera despertar “em cada crente a aspiração de confessar a fé em plenitude e com renovada convicção”.

DMA propõe algumas reflexões sobre a urgência de dar profundidade e credibilidade à fé, hoje. Destaca-se em uma das rubricas que “talvez, também nós, mulheres consagradas, corramos o risco de ficar à margem tornando-nos cúmplices da atitude que separa a fé da vida e dos problemas concretos”. A nova evangelização requer um caminho de fé que dê um novo impulso à relação com o Senhor Jesus, centro da experiência do crente, referência totalizante na vida de consagração. Uma relação que inevitavelmente abre aos outros e ao serviço educativo dos jovens. De nós é exigido um compromisso concreto com a causa do ser humano, porquanto “uma fé que não se faz história é uma fé vazia, é uma falsificação do dom inexaurível de Deus que quer encontrar a pessoa humana para libertá-la e reabilitá-la à vida nova, nas situações ordinárias”.

Somos interpeladas a estar “no mundo sem ser do mundo”, a entrar no coração dos problemas e das transformações da sociedade, como indica o *Concílio* na *Gaudium et spes* quando convida cada cristão a

“tomar consciência da própria vocação na comunidade política”, e o solicita a “servir de exemplo, desenvolvendo em si mesmo o sentido da responsabilidade e do serviço ao bem comum”.

A rubrica *Encontros* evidencia esta característica na vida de Maria D. Mazzarello que “sentia em si um vivo desejo de fazer o bem às meninas, e uma voz íntima lhe dizia para reuni-las, instruí-las na Religião, ensinar-lhes a fugir do pecado e a praticar a virtude”. É importante redescobrir nos Fundadores e reatualizar, hoje, a pertença total e exclusiva ao Deus de amor, a fé na sua presença que nos torna atentos e operantes nos gestos de amor aos outros.

Numa sondagem entre os jovens destaca-se que o clima de família - a cordialidade, a escuta, a relação com as educadoras que ensinam a rezar - atrai e convence. É um *ambiente* onde se favorece, por meio de modelos concretos, um modo de ser alternativo ao dominante, na lógica do Evangelho, onde se vive o perdão, a solidariedade, a responsabilidade, o sentido do mistério.

Nossa tradição e o testemunho de numerosas irmãs de ontem e de hoje são a demonstração clara de que a fé confiável encarna-se na vida: uma entrega de esperança carismática para o amanhã.

gteruggi@cgfma.org



Responsáveis pela cidade do homem

Mara Borsi, Palma Lionetti

Jovens e política... não é um filme!

Já são tantos os lugares comuns que usamos, nós educadores, para descrever o mundo juvenil, um mundo sobre o qual temos responsabilidade.

Os Jovens, assim como nós adultos, não se interessam pela política, preferem ocupar-se com outros assuntos: desde o *reality* da televisão, até o esporte, o divertimento.

Permanecem sempre um pouco à margem, firmes ali diante da realidade que flui como um filme. Também nós como consagradas corremos o risco de permanecer à margem do discurso tornando-nos um pouco cúmplices daquela atitude que separa a fé da vida e dos problemas concretos, com a desculpa de que Dom Bosco fez a política do *pater noster*.

A política parece ser caracterizada apenas pela corrupção, pelos interesses individuais e pela busca da vantagem pessoal.

A palavra *killer* é “desencanto”. Termo que está acabando com expressões como repartir, renovar, requalificar...

Este difuso e persistente sentimento é propenso a fazer-nos acreditar que seja praticamente impossível sair da crise procurando soluções comuns e compartilhadas.

Então, prevalecem os caminhos individuais, as soluções líquidas, a flutuação existencial que nos faz deslizar no rotineiro.

O tempo que estamos vivendo não é tempo de refazer, de voltar a fazer coisas já feitas para recuperar e reiniciar mecanismos atolados, mas sim é tempo de inventar. Esta é a grande provocação que hoje é feita aos jovens: inventar. Como crentes, é tempo de abrir-se com disponibilidade à fonte da verdade que é o Evangelho para todos, ainda hoje.

Mas enquanto não restituirmos aos jovens a possibilidade de expressarem suas provocações, a política não poderá recuperar sua ordem, sua natureza, sua função, sua capacidade de inscrever-se em uma dimensão de serviço à pessoa, ao homem e à mulher contemporâneos.

A pergunta

Então, quais são as tarefas de uma Pastoral Juvenil empenhada em favorecer a vida e a esperança, como a nossa?

Trata-se de alargar nossa visão pastoral sobre o tema, ou seja, promover uma interpretação educativa que tente propor uma aproximação diferente, planejando e agindo naquele espaço de ação que é a formação.

Em nível planetário estamos imersos em uma tríplice crise: a econômica, a crise ambiental determinada pelo consumo excessivo da geração atual, e a crise da dimensão constitucional da política.

Elas têm um denominador comum: a ausência de futuro.

Uma raiz comum que tem, por sua vez, uma consequência antropológica, o individualismo que, na sociedade, é a falta de um escopo comum. Portanto, torna-se sempre mais urgente acompanhar para levar a viver uma cidadania concreta, projetual, corajosa, compartilhada, consciente.

Gratuidade e liberdade responsável... palavras que constroem a política

«Nós, e não os outros, nos empenhamos, sem pretensões, para encontrar um sentido à vida. Não nos interessa a carreira, não nos interessa o dinheiro. Temos o coração jovem e nos amedronta a frieza do papel e do mármore. Não nos interessa nem ser heróis nem traidores diante dos homens se isso custasse a fidelidade a nós mesmos». São as palavras que Dom Primo Mazzolari, sacerdote italiano considerado precursor do Concílio Vaticano II e voz profética viva ainda hoje, dirigiu aos jovens num texto seu de 1943: “Compromisso com Cristo”. Os seus escritos solicitam um empenho político que não coloque entre parênteses as razões de valor, que parta precisamente daquela paixão, daqueles ideais de justiça, de paz, de não violência e de fraternidade autêntica. Palavras, estas, válidas para cada contexto e para cada continente.

Fazendo um salto ao hoje deparamos com diversos contextos jovens, comunidades, grupos sociais, famílias que se empenham em experiências de

solidariedade no grande e dinâmico mundo do “voluntariado”.

Expressão daquela parte da sociedade civil que não se resigna ao individualismo e à indiferença. Uma grande força do ponto de vista motivacional, que concebe a gratuidade como valor, o bem relacional como possibilidade de se tornar empreendimento econômico, de expressar a capacidade de construir vínculos sociais verdadeiros.

Mas como esta riqueza social nem sempre é capaz de renovar a política?

Às vezes parece relegada à retórica exortativa ou, no máximo, ao bom testemunho. Portanto, temos necessidade de compreender, através de uma séria formação à responsabilidade e à experiência, como a demanda da ética e do sentido que inspira e alimenta o Evangelho pode se tornar energia política capaz de mudar, de renovar a política, a partir da linguagem e da vivência de comportamentos concretos.

Gratuidade e liberdade responsáveis são palavras ainda úteis à política? Se “a responsabilidade” se produz quando assumimos de fato o querer ou não as consequências das nossas ações, igualmente a “liberdade” se produz quando assumimos de fato o querer ou não as consequências das nossas ações.

Vale dizer que a responsabilidade e a liberdade intervêm tanto uma como a outra, em nossa ação educativa e pastoral, principalmente se nos conscientizamos de que o mundo em que vivemos depende dos nossos desejos.

E se a educação não impele os jovens à responsabilidade e à liberdade de ser cocriadores do mundo em que vivem, limitando a reflexão, ela tem pouca serventia.

Teresa Californi descreve sua experiência a este respeito: «Pensar na responsabilidade me assustava, pois significava assumir alguns deveres... morais, cívicos, cristãos, familiares...

É preciso viver todos os compromissos com entusiasmo e prazer, só assim se consegue dar o justo significado a si mesmo, aos outros e à vida circunstante. Educa-se à responsabilidade desde pequenos nos gestos cotidianos para amadurecer o senso cívico, cristão e moral.

Quando penso na palavra “responsabilidade” automaticamente há uma associação negativa na minha mente, porque culturalmente vivo em uma realidade sócio-política em que se é propriamente assim... “melhor evitar responsabilidades”, em que se pescam certos mecanismos de afastamento das próprias responsabilidades cívicas, morais, cristãs sem pensar que este estilo “leviano” não serve senão para diminuir a personalidade de cada um.

Crescendo aprendi que, ao contrário, assumir os próprios compromissos ou deveres, aumenta a coparticipação a uma vida social na qual nos tornamos

corresponsáveis de um percurso coletivo que favorece um “sadio protagonismo ativo”.

Quando penso na vida oratoriana, acredito que ela me ofereceu numerosas ocasiões para experienciar as responsabilidades não como dever, mas como realização de um projeto compartilhado.

Somente a partir da participação e do empenho de todos é possível vislumbrar um futuro com perspectivas novas».

A responsabilidade... nosso caminho comum

Como restituir à palavra responsabilidade aquela positividade que encoraja e que varre o desconforto que suscita? Talvez porque parece nascer de um certo senso de culpa, da desgraça, da sensação de dever pagar com a perda da liberdade, com o sofrimento. «A responsabilidade é a resposta certa gerada pelo reconhecimento de um valor. E cada valor autêntico é um dom do qual flui aquela responsabilidade que não é uma faculdade particular, pois é a expressão da liberdade e da unicidade da pessoa.

Enquanto nos limitamos a ter uma reação ao que acontece não somos livres; tornamo-nos livres quando damos uma resposta original. A responsabilidade é a capacidade de responder pessoalmente aos eventos da vida e, antes de tudo, ao outro que precisa de mim. “Dizer eu – escreve Lévinas – significa dizer ‘eis-me’”. Despertar para a responsabilidade não leva a ver apenas o “tu” que tenho diante de mim, mas comporta também o reconhecimento do “terceiro”, isto é potencialmente de cada outro. Este excesso não deve ser interpretado como se fosse um pedido para se tornar onipotente, mas lembra que não podemos fixar a priori o limite da responsabilidade, nem aceitar que outros sejam deixados fora com seus frutos benéficos.

Então a responsabilidade não é um peso e nem mesmo uma condição estática. É o caminho da pessoa para se tornar plenamente humana, é o fundamento permanente da vida comum. E deve poder traduzir-se em educação, política, economia» (R. Mancini).

Nesta perspectiva tem sentido falar de interesse pelo bem comum, de centralidade da pessoa humana, de solidariedade, de subsidiariedade, de fidelidade aos valores; uma fidelidade que sabe dialogar e arriscar ser fraterno com quem é hostil.

Uma linha de pensamento seguida no documento *Caritas in Veritate* de Bento XVI, à qual devemos em primeiro lugar algo importantíssimo: o fato de haver superado a já obsoleta fratura entre a esfera econômica e a esfera social. O princípio de fraternidade proposto pela Doutrina Social da Igreja como fundamento para uma boa sociedade, por muitos é considerado não apropriado às leis do mercado e da liberdade, mas parece pertencer à esfera privada ou pura filantropia.

Do ponto de vista educativo, passar da fraternidade ao bem comum torna-se um compromisso urgente que traduz o convite da Doutrina Social da Igreja que propõe um humanismo integral com mais dimensões, no qual a política, o mercado não são realidades a serem combatidas ou controladas, mas momentos importantes da esfera pública que, se pensada e vivida como lugar aberto também aos princípios da reciprocidade e do dom, pode-se construir a “cidade”.

Testemunhas da boa política

À pergunta *Com que objetivo educar?*, Humberto Maturana (Santiago do Chile) responde sustentando que se trata talvez de criar uma convivência entre adultos e jovens que entrelace educação e política naquele jogo que combina emoções e linguagem, que é a vida diária.

«A existência humana tem lugar no espaço relacional, fortemente emotivo, do “conversar”. Nós nos construímos, nos educamos e agimos no espaço político por meio das conversações. As conversações, enquanto entrelaçamento de emoções e linguagem constituem e configuram o mundo no qual vivemos como um mundo de ações possíveis. (...) A educação e a política são atividades entrelaçadas num fluir histórico em que os adultos fazem política e os jovens educam-se nos espaços da cidade que os adultos definem, geram ou adaptam com sua atividade política.

Assim os adultos educam os jovens, e os jovens, tornados adultos, educam os jovens que vêm depois deles (...).

Com nossa convivência educamos e damos forma a diversos modos de sentir a política, compreensíveis e compartilhados pelos jovens.

As mulheres, afinal, quando fazem da normalidade a possibilidade de pesquisar com a mente e encontrar com o coração, com paixão, os sinais que indicam onde é mais urgente a necessidade de intervenção, tornam-se especiais, grandes porque sabem como entrar no jogo em primeira pessoa ao dar respostas vitais e de futuro, com a marca da paz e da democracia.

Joyce Hilda Banda é a nova presidente do Malawi. Continuamente empenhada na luta pelos direitos da mulher, com 62 anos torna-se a primeira presidenta da África meridional e a segunda do continente africano, depois do Prêmio Nobel da Paz 2011, Ellen Johnson Sirleaf, presidente da Libéria.

Pedagoga, com um curso de gestão na Itália, sempre se colocou na linha de frente pelos direitos civis, criando, ainda antes de entrar na política, uma obra em seu nome para ajudar as crianças em dificuldade. Durante o seu primeiro governo, Bingu wa Mutharika a nomeou, primeiro ao ministério da Previdência e depois, ao ministério do Exterior.

Nos últimos anos sua popularidade aumentou tanto a ponto ofuscar a família do ex-presidente que aspirava por uma transmissão de poder de tipo dinástico. Em vez disso a transição já está dando os seus primeiros frutos e de modo muito pacífico.

Ela foi capaz de afastar o presidente do Banco Central, Perks Ligoya, substituído pela vice-presidente Mary Nkosi; o líder da rádio-tv pública Bright Malopa, substituído por Benson Tembo ex-diplomata e no ministério da Informação Patrícia Kaliati com Moses Kunkuyu, deputado do partido do governo. «Banda tem a tarefa de enfrentar imediatamente os problemas da população pobre – lembra Dom Msusa, da diocese de Zomba, onde a neo-presidente nasceu há 62 anos e onde deixou os sinais mais significativos do seu empenho em ajudar os órfãos e as crianças em dificuldade –, e para fazê-lo bem, deverá saber escutar também os que pensam diversamente, em espírito de diálogo e de verdadeira reconciliação».

Ellen Johnson Sirleaf é presidente da Libéria e primeira mulher chefe de Estado da África moderna.

Nascida em Monróvia em 29 de outubro de 1938, estudou economia no seu País; nos Estados Unidos, na Harvard Kennedy School, fez mestrado em administração pública. Na política desde 1997, foi eleita presidente em 2005 e se dedica à reconstrução do País, devastado por longos anos de guerra.

Sempre atenta à promoção da mulher, funda Measuagon, organização não governamental voltada à educação das jovens e ao desenvolvimento das comunidades, e toma parte nas iniciativas que estudam o impacto da guerra na vida das mulheres e o seu papel na construção da paz.

Leymah Gbowee, 39 anos, outra liberiana e ativista da paz, em 2002 funda o *Women of Liberia Mass Action for Peace*, um movimento que reúne mulheres cristãs e muçulmanas numa luta nãoviolenta. Incansável na defesa dos direitos da mulher, é diretora executiva do *Women Peace and Security Network Africa*, associação que se empenha em dar apoio às mulheres na prevenção e resolução dos conflitos, com sede em Accra, Gana. Fez parte da Comissão para a verdade e a reconciliação na Libéria e por meio do *network Women in Peacebuilding Program* expandiu para toda a África ocidental sua rede de mulheres interessadas na paz.

Tawakkul Karman é do Yêmen, tem 33 anos. No seu País ela é considerada a “mãe da revolução” pelo seu papel de militância pacífica em favor dos direitos civis, uma tarefa que há muito tempo a vê em primeira linha pedindo o fim da presidência de Ali Abdullah Saleh, no cargo desde 1978, e conhecido pelo seu estilo ditatorial.

Primeira mulher árabe da história a receber o prêmio Nobel, *Tawakkul Karman* fundou em 2005 a associação *Women Journalists Without Chains*, em defesa da liberdade de imprensa e de expressão.

Presas várias vezes pelos seus protestos em favor da liberdade e da democracia, desde o início deste ano é um ponto de referência para os manifestantes que com ela, nas praças, reclamam uma participação democrática na gestão da vida do País. Tawakkul dedicou o prêmio à *primavera árabe*.

Joyce Hilda, Ellen, Leymah e Tawakkul mulheres do Nobel da Paz, mas é pela sua capacidade de ficar em

contextos não fáceis e no coração de suas complicadas realidades que se tornaram e permanecem “líderes”.

Mulheres à escuta das fadigas e das esperanças dos seus povos, símbolo e mensagem, também para nós, do direito de cada mulher à liberdade de toda forma de violência e de abuso, do direito de viver a vida em plenitude.

mara@cgfma.org,
almalionetti@gmail.com

Dedicação ao bem comum

Na situação hodierna, nunca foi tão atual a indicação da Constituição pastoral Gaudium et spes do Concílio Vaticano II:

«Os cristãos devem tomar consciência da própria vocação na comunidade política. Devem dar exemplo, desenvolvendo em si mesmos o senso de responsabilidade e de dedicação ao bem comum, e mostrar com os fatos como harmonizar autoridade e liberdade, iniciativa pessoal e solidariedade, oportuna unidade e profícua diversidade, no corpo social».

A convivência baseada na amizade civil

O significado profundo da convivência civil e política não emerge imediatamente do elenco dos direitos e deveres da pessoa. Tal convivência adquire todo o seu significado se for baseada na amizade civil e na fraternidade...

A amizade civil é a atuação mais autêntica do princípio de fraternidade, que é inseparável do princípio de liberdade e igualdade. Trata-se de um princípio que permaneceu, em grande parte, não implementado nas sociedades políticas modernas e contemporâneas, sobretudo por causa da influência das ideologias individualistas e coletivistas. (Compêndio Doutrina Social da Igreja, 390)

A verdadeira blasfêmia é matar o próprio irmão

Não obstante a atual crise, a política também tem os seus mártires: homens e mulheres que têm a coragem da coerência e da honestidade, que sabem lutar pelos direitos e pela liberdade.

«Cada dia antes de ir ao trabalho, ele se sentava sobre um pequeno tapete, pegava a Bíblia e rezava por meia hora». Relata Paul irmão de Shahbaz Bhatti, ministro para as minorias religiosas, barbaramente assassinado no ano passado. A sociedade paquistanesa dilacerada por conflitos de todo tipo espera que nasça do sangue de Shahbaz um rebento de paz. Católico de origem modesta, Shahbaz Bhatti sempre trabalhou pelo diálogo entre os muçulmanos e a minoria cristã do Paquistão, que está envolvida por um clima de intolerância. A lei sobre a blasfêmia, pela qual também por motivos fúteis pode acontecer uma condenação à morte, está agravando a situação. O Imã de Lahore, amigo pessoal de Shahbaz declarou recentemente: «O pior erro dos meus irmãos muçulmanos é instrumentalizar uma lei que na realidade é feita apenas para criar respeito ao que é sagrado. Luto e falo todos os dias, também aos Imãs das outras cidades para que compreendam que a verdadeira blasfêmia é matar o próprio irmão». A figura de Shahbaz Bhatti marcou o País. O bispo Joseph Coutts em uma entrevista afirmou que o testemunho de Shahbaz é um grande testemunho de coerência cristã e assim o descreveu: «Um cristão fiel, uma pessoa profundamente humana, um homem bom, mas também um grande patriota. Acreditava firmemente no resgate do seu povo e na convivência pacífica entre os crentes das diferentes religiões». Um mártir leigo, um herói da fé que havia assumido o seu papel político por amor aos pobres e aos perseguidos. Não por acaso a Conferência Episcopal paquistanesa pediu ao Papa a imediata abertura da causa de sua beatificação.

DMA-PRJ MEJRO PLANO

Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos





Duas vocações em confronto

Carla Castellino

No Antigo Testamento os relatos das vocações se articulam segundo um particular modelo bastante fixo. Geralmente há uma introdução à qual segue a missão que Deus confia à pessoa que chama; o chamado normalmente coloca uma objeção à proposta de Deus, mas o Senhor responde e resolve as dificuldades. Algo análogo acontece com Joãozinho Bosco e com Maria Domingas.

O que fazia Deus antes de criar o mundo?

«O que fazia? Contemplava a si mesmo, amava a si mesmo e era santo em si mesmo»¹.

A esta resposta dada à pequena Main pelo pai poder-se-ia acrescentar outras: “Pensava em você e no Instituto que iria ajudar a fundar para a salvação de tantos jovens; pensava como formar o seu coração e como colocá-lo em sintonia com o de Dom Bosco”. Nossas Constituições afirmam: “Na sua admirável providência Deus deu a Dom Bosco um coração grande como as areias do mar. [...] Com um único desígnio de graça suscitou a mesma experiência de caridade apostólica em Santa Maria Domingas Mazzarello” (C 2).

Eis o teu campo

Quanto o sonho dos 9 anos marcou a vida de Dom Bosco pode-se deduzir pela sua afirmação: «Não me foi mais possível tirar aquele sonho da minha mente».

O personagem do sonho o chama pelo nome, confia-lhe uma missão e lhe mostra como vivê-la: «Não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade deverás ganhar estes teus amigos. Pois bem, começa logo a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude».

Joãozinho reage com uma série de perguntas, quer explicações claras: «Quem sois vós, que me ordenais coisas impossíveis? Onde, com que meios poderei adquirir a ciência? Mas quem sois vós que falais deste modo? Minha mãe me disse de não me juntar com quem não conheço, sem sua permissão; por isso *dizei-me o vosso nome*». O Personagem misterioso responde às várias objeções e mostra a solução: «Precisamente porque tais coisas te parecem impossíveis, *deves torná-las possíveis com a obediência e com a aquisição da ciência. Eu te darei a*

mestra, sob cuja disciplina podes tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se torna estultice». E revela a própria identidade: «Eu sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia. O meu nome, pergunta-o à minha mãe».

Maria em seguida apresenta-se bela e fulgurante, toma Joãozinho pela mão, tranquiliza-o e lhe indica o específico caminho de sua missão: «Olha, eis o teu campo de trabalho. Torna-te humilde, forte e robusto; e o que neste momento vês acontecer com estes animais, tu deverás fazê-lo aos meus filhos... A seu tempo tudo compreenderás»².



A ti as confio

Dom Maccono falando de Maria Domingas afirma: “Ela sentia em si um vivo desejo de fazer o bem às meninas e uma voz íntima lhe dizia para reuni-las, instruí-las na religião, ensinar-lhes a fugir do pecado e a praticar a virtude.

Este ardente desejo de doar-se aos outros se faz mais forte depois da entrega em Borgolto: *A ti as confio*.

Sobre aquela colina uma “presença” misteriosa se faz sentir e Maria Domingas maravilhada e um tanto temerosa vê algo estranho novamente: “um grande edifício que lhe pareceu ser um colégio com numerosas meninas”. Atônita ela se pergunta: «O que é isto que estou vendo? Aqui não existe este edifício! O que está acontecendo?» E em seguida uma voz, uma entrega, um mandato: “*A ti as confio*”, que permanece no profundo do seu coração.

A Cronistória comenta: “Acostumada a controlar-se, Maria afastou-se rapidamente de lá e procurou não pensar mais no fato; mas, aquelas jovens estavam sempre ali, a chamá-la, especialmente quando precisava passar pela colina; e de nada lhe adiantava querer distrair-se e lançar-se cada vez mais no trabalho”.³

Gratidão e responsabilidade

O sonho dos nove anos, a “visão” de Borgoalto ali estão a indicar que o dom do carisma guardado no coração de Deus deixa a eternidade para percorrer o espaço e o tempo. Estaciona nos Becchi e em Mornese, lugares geográficos pequenos, pobres, desconhecidos. Começa a pulsar no coração de um menino de 9 anos e de uma jovem de 24, distantes no tempo: 1824 para Joãozinho e 1860-61 para Maria Domingas, acende e alimenta desejos, encontra acolhida, sem muita consciência. Clareia-se e se

¹ Ferdinando MACCONO, *Santa Maria D. Mazzarello Cofundadora e primeira Superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora I*, Turim, Instituto FMA 1960, 17.

aprofunda com o passar do tempo nas escolhas que Joãozinho Bosco e Maria Domingas fazem no cotidiano e por meio das experiências do mistério pascal.

Deus age gradualmente: espera, é paciente, prepara, cria sintonia à distância. Escolhe quem não é importante, um órfão de pai e uma jovem debilitada pelo tifo. Ele não olha a força, mas a disponibilidade e a pureza do coração; não hesita em entregar o seu amor aos jovens e a sua sede de salvação à pequenez e à fragilidade humana; os seus gostos são um pouco diferentes dos nossos. Uma entrega destinada a ultrapassar os limites do mundo, que cruzou as nossas vidas e demanda colaboração. Deus continua a precisar de nós, da nossa fragilidade para realizar o seu designio de amor. Sua lógica nos surpreende e enche os nossos corações de gratidão e de responsabilidade.

Carla Castellino

² CF San Giovanni BOSCO, *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales de 1815 a 1855*, Roma, Editora SDB, 22-25

³ CF Giselda CAPETTI, *Cronistoria I*, Roma, Instituto FMA 1977, 96-97.

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO



CDEW com as mulheres rumo à plenitude da vida

A Redação

Em toda a Índia, as Filhas de Maria Auxiliadora têm escolhido aliviar a pobreza e promover a alfabetização por meio de uma campanha em que as mulheres adquirem as habilidades básicas para tornar suas vidas mais sustentáveis. As FMA têm escolhido como destinatárias as mulheres para que sejam o trunfo no alívio da pobreza e na melhora do padrão de vida da família em termos de alimentação, cuidados sanitários e instrução das crianças.

No sudoeste da Índia localiza-se o estado de Karnataka cuja capital é Bangalore. É a terceira cidade mais populosa da Índia e uma das cidades da Ásia que está se tornando velozmente uma cidade cosmopolita.

A indústria da tecnologia das informações prospera, mas à custa da população rural.

Só 28% de Bangalore é urbana e a maior parte de sua população se apoia nas atividades agrícolas. A diferença econômico-cultural torna-se sempre maior e apontar para as tecnologias de alto nível no que diz respeito aos princípios da economia agrária tem dado dois rostos à mesma cidade.

O primeiro é vibrante, inovador e extremamente moderno, mostra o sucesso de uma nação em desenvolvimento. O segundo faz ver o povo que vive às margens, pelas ruas, com enormes diferenças rentáveis, com pouca saúde e poucas oportunidades.

Na Inspeção de Bangalore as FMA estão comprometidas com o fortalecimento e a transformação da vida das mulheres e das crianças. Trabalha-se pela dignidade e pelos direitos da mulher promovendo a autoconsciência, a participação social, a instrução, a

formação cultural, a autonomia econômica e a assistência sanitária.

Sua atenção está voltada para as mulheres, e seus esforços visam ao desenvolvimento sustentável e à transformação das condições de vida da porção mais pobre da população. O centro de desenvolvimento da mulher, chamado CDEW, é o órgão oficial de ação social das FMA da Inspetoria.

Nasceu em 2003 como uma organização de voluntariado. Sua missão é construir uma sociedade fundada no amor, na fraternidade, na solidariedade, na melhoria econômica e na capacitação das mulheres.

São cinco as estratégias do CDEW para o fortalecimento: a organização, a educação, a autossuficiência econômica, o cuidado da pessoa, a capacidade de tomar decisões.

Estas estratégias levam a bons resultados. Ao longo dos anos o CDEW implementou com sucesso diversos projetos e programas: a formação e o aumento de cerca de 700 Centros de Auto Ajuda que formam uma federação; Programas de geração de Renda, construção de casas, escolas, programas de promoção à alfabetização das crianças pobres em três Estados abrangendo cerca de 3000 crianças, programas de prevenção e informação sobre Hiv/Aids. A construção de mais de 500 poços para recolher a água da chuva aos mais pobres em Kanakakkunnu e Kattappana, programas para crianças que estão fora da escola. Dez mil pessoas curadas do alcoolismo.

O CDEW está espalhado por 30 centros nos três Estados indianos do sul: Andhra Pradesh, Karnataka e Kerala. Ocupa-se com as crianças, jovens e mulheres

das comunidades das castas mais marginalizadas, que formam uma população de quatrocentas mil pessoas.

Ongole, cidade que se encontra a cerca de 500 km de Bangalore, antigo centro têxtil no Estado de Andhra Pradesh está na área de maior densidade demográfica onde as FMA começaram o seu apostolado social, em 2003, com os moradores das favelas.

A população que pertence às tribos mais pobres vive em pequenas cabanas cobertas de palha, construídas em lugares pantanosos perto do aterro. Muitas vezes as crianças são privadas do direito de estudar e obrigadas a fazerem pequenos trabalhos para ajudar a família. É extrema pobreza nestas favelas o que motiva o baixo nível de alfabetização; nem mesmo 40% da população é alfabetizada. As fma com os Grupos de auto-ajuda do Auxilium Akhila Vikas Women Development Centre (AAWDC) iniciaram cursos de formação com programas de conscientização, poupança e economia, com ações de micro-crédito.

Estes grupos de auto-ajuda se reúnem semanalmente e colocam num fundo comum sua coleta de poupança, realizam várias atividades sociais nos seus vilarejos e participam de todos os programas comuns e das celebrações organizadas pela AAWDC.

Muitas das experiências feitas por estes grupos podem ser vistas no DVD editado pelas Missões Dom Bosco e pelo Âmbito para a Comunicação Social, que já está em nossas casas com o título: **Unidas por uma sociedade melhor.**





Mulheres para a Paz

Julia Arciniegas, Martha Seide

1.325 mulheres tecedoras de paz. É este o título de uma publicação do “Centro de Educação e Pesquisa para a Paz” (CEI-PAZ) que apresenta setenta retratos de mulheres conhecidas e anônimas, ativas promotoras da paz no mundo.

Apresentamos um breve perfil de algumas delas, que vivem em diversos continentes.

AMIRA HASS (Israel)

“O meu trabalho é vigiar o poder.”

Amira Hass, jornalista israelense, nascida em Jerusalém, escolheu mostrar aos seus compatriotas o que acontece a poucos quilômetros das suas casas, realidade que muitos não querem ver. Durante anos passou períodos de tempo na faixa costeira palestina e relatou como é a vida sob o cerco. Queria ver e relatar os efeitos devastadores das bombas, dos tiros e dos tanques. Dali ela escreveu regularmente para o seu jornal, um dos mais influentes do País.

“Israel sabe que a paz não compensa”, foi o título de um de seus artigos, e explicou que o comércio de armas teria sido gravemente atingido, enquanto os recursos e a terra seriam empobrecidos.

Hass foi várias vezes presa pela polícia de seu País, insultada pelos leitores do seu jornal, condenada a pagar multas... Para ela, vencedora de prêmios prestigiosos conferidos pela UNESCO, o jornalismo deveria concentrar-se “sobre a vigilância dos centros de poder”. Mais que objetiva ela quer ser justa. Preocupa-se, sobretudo com as pessoas, porque são elas “que realmente escrevem a história”. «Pode-se ver a ruína das casas, mas não é possível ver a ruína nas nossas almas», escreveu recentemente na faixa de Gaza.

EILEEN KAMPAKUTA BROWN (Austrália)

“Não desperdice a nossa terra, não desperdice o nosso futuro.”

Eileen Kampakuta Brown é uma mulher aborígine da Austrália. É uma das fundadoras do *Kupa Piti Kungka Tjuta*, o Conselho dos anciãos aborígenes de *Cooper Pedy* na Austrália do sul, que lutou contra o projeto do governo australiano de criar um despejo nuclear no deserto australiano. “Dizer Não à descarga radioativa

no nosso *ngura*, em nossa terra”, é o seu slogan. “É puro veneno e não o queremos!” “Nós, mulheres, não queremos dinheiro, queremos vida e terra para nossos filhos.” Eileen e suas irmãs mais velhas compreenderam que, para vencer a batalha, era preciso vencer os preconceitos raciais. Uniram-se, portanto, a mulheres não-aborígenes e lutaram juntas em defesa do meio ambiente. No final o governo australiano abandonou o projeto e Eileen recebeu o prêmio Goldman ambiental. “Cuidai da vossa terra e a terra cuidará de vós”. É o segredo que as mulheres Aborígenes querem passar para as gerações futuras.

ROSALINDA TUYUC (Guatemala)

“Levantamo-nos das cinzas dos massacres para buscar soluções”

Índigena Maia começou sua atividade social com um grupo de jovens cristãos nos anos setenta. Dez anos depois, os militares sequestraram e mataram seu pai e seu marido, deixando-a viúva com duas crianças. A Guatemala sofreu uma das guerras mais longas da América, e foi atingida pelas mais graves violações dos direitos humanos. “Continuamos a viver com medo, perseguições e ameaças. Esta situação levou-nos a nos organizar como mulheres indígenas e a proteger os nossos filhos do recrutamento forçado”, afirma Rosalinda. Orgulhosa de pertencer a uma cultura antiga, é feliz de poder trabalhar por um país de 12 milhões de pessoas, das quais mais da metade são indígenas. Foi indicada para o prêmio Nobel da Paz em 2005. “Obtivemos boas coisas para as mulheres indígenas, estamos mais organizadas, conhecemos os nossos direitos econômicos, políticos e culturais, mas ainda temos problemas quanto ao acesso à justiça, à saúde, e estamos sempre expostas a discriminações”, acrescenta com tristeza no olhar. “A cultura dos nossos povos é uma grande reserva de humanidade, mesmo não sendo reconhecida pela cultura ocidental”, acrescenta com tenacidade. Opõe-se às guerras, ao consumismo, à ambição, à violência e valoriza a harmonia, o respeito e a solidariedade.

MONICA McWILLIAMS (Irlanda do Norte)

“Quando uma pessoa se fixa em um inaceitável nível de violência, então a paz requer muito, muito tempo.”

Professora e Estudiosa da questão feminina e de Política Social na Universidade de Ulster e pesquisadora no Instituto de Justiça, é cofundadora da Coalizão das Mulheres da Irlanda do Norte. Empenhou-se como representante na Assembleia do seu País e como Responsável da Comissão de Direitos Humanos em nível nacional (NIHCR). Seus trabalhos receberam diversos prêmios para a Paz. Há apenas dezesseis anos Mônica começa a empenhar-se na política. Depois de haver trabalhado por 25 anos com diversas comunidades e grupos, criou o partido político das mulheres (NIWC), que considerava indispensável para poder alcançar uma paz duradoura e estável. Este

partido revelou-se um exemplo de convivência respeitosa e pacífica, capaz de diálogo e de escuta recíproca. O seu objetivo era o de garantir que os princípios fundamentais dos direitos humanos, da inclusão e da igualdade fossem incluídos nas negociações pela paz. A partir do conflito, as mulheres se transformaram em agentes de transformação e promotoras de diversas propostas, por exemplo, a de criar escolas comunitárias de integração para educar juntos os/as crianças protestantes e católicas.

mseid@yahoo.com, arciniegas@cgfma.org

A paz é possível também em situações difíceis. Isso nos mostra o testemunho dessas mulheres. Acolhamos o seu convite e reforçemos o nosso empenho em educar para a paz os/as jovens de todos os contextos lembrando que a paz do mundo é cultivada antes de tudo em nosso coração. Uma tarefa acessível a todos.

WWW.1325mujerestejidolapaz.org; WWW.ceipaz.org

FJO DE ARJADNE



Rumo à sabedoria

Maria Rossi

Em alguns relatos do passado, conta-se de indivíduos que, em um momento particular da vida, decidem enfrentar longas viagens para encontrar uma pessoa considerada sábia e obter indicações a respeito do sentido da vida ou a solução para angustiantes dilemas existenciais.

Em outros tempos os sábios existiam. Hoje, folheando as páginas dos jornais e vendo a televisão, parece que a sabedoria é coisa do passado. De fato, não há um dia sem relatos de escândalos envolvendo pessoas que detêm poder político, econômico, social ou religioso.

Felizmente, os fatos apresentados pela “mídia” nem sempre correspondem à realidade. Quem tem experiência de pessoas e a capacidade de captar sua densidade espiritual, sabe que a sabedoria não desapareceu da face da terra. Existe. Basta olhar ao redor ou folhear as páginas da própria vida para descortiná-la: ela tem o rosto daqueles que nos querem e/ ou nos quiseram bem.

A sabedoria é uma característica atribuída geralmente às pessoas idosas, mesmo se nem sempre o ser idoso coincide com o ser sábio e flashes de sabedoria são possíveis também em outras idades.

Cícero a considera uma qualidade própria da velhice e fruto de uma vida sóbria e virtuosa. No seu interessante, mesmo se adaptado, *Cato maior de senectute (44 a.C.)* escreve: «A vida... enriquece cada idade de qualidades próprias... As qualidades que permitem grandes empreendimentos não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez (dotes da juventude), mas sim a *sabedoria*, a *perspicácia* e o *discernimento*. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas que, ao contrário, pode explorar largamente». E, na Roma republicana de Cícero, o conselho dos senadores (= idosos), nas decisões políticas, tinha um peso determinante.

O que é a sabedoria? E quem é o sábio?

No âmbito filosófico, os modos de concebê-la são tantos quantos são os modos de conceber o fim supremo da moral. Nos sites da internet, podem-se encontrar várias e interessantes definições dadas pelos filósofos ao longo da história. No âmbito psicológico, a sabedoria é considerada uma virtude, uma força psíquica que se manifesta em uma espécie de consciente e notável interesse pela vida, mesmo diante da morte; uma madura consciência das coisas da vida

e do mundo que se exprime no equilíbrio do comportamento e do conselho; o estado mais avançado do desenvolvimento humano.

A pessoa sábia tem a capacidade de um olhar positivo e desapegado de si, sobre os outros e sobre o mundo. Sente-se responsável pela vida, pela natureza e de tudo o que vive, mas não o faz com ansiedade. Sabe cuidar de si mesma sem negligenciar os outros, antes, gosta de alegrar aqueles com os quais vive ou que dela se aproximam. Vive as situações ordinárias com esperança, alegria e prazer, tendendo a um tranquilo otimismo e a uma serena liberdade. Não é insensível, antes, sofre com quem sofre, independentemente da etnia, da religião, da condição social e faz tudo de tudo para atenuar ou resolver as situações. Gosta das atenções, do respeito, dos agradecimentos, mas não vai mendigá-los: sabendo que o bem é sempre bem, não se detém e vai se doando independentemente do reconhecimento.

Diante da falta de respeito, da vulgaridade, da violência, da estupidez, da prepotência, pode experimentar desgosto, pena, raiva e também um senso momentâneo de desorientação. Mas não se perturba, não faz dramas e não se detém. A consciência amadurecida diante das coisas da vida e do mundo, a aceitação dos próprios limites e dos limites alheios que leva à grande compaixão, a interiorização e a referência aos grandes valores éticos, o sentimento de confiança naquela misteriosa Providência que segue e protege cada vida mesmo para além da morte, permitem ao sábio encarar as situações, chamar as dificuldades e as atitudes pelo nome, relativizar o que parece absoluto e intransponível, discernir o positivo e, com serena clarividência, encontrar as soluções certas e/ou dar sábios conselhos.

Ao contrário de quem dispensa conselhos aos que não sabem o que fazer, aconselha só quando é exigido e, muitas vezes, ao invés do conselho, depois de uma atenta escuta empática, orienta a pessoa a encontrar por si mesma a solução do problema que a angustia. O sábio, mesmo não sendo privado de conhecimentos, não se sacia com aquele saber que vai além da crônica. Ele é aberto, apaixonado pela verdade e constantemente a busca, mesmo – como diz Niccolò Cusano – “sabendo que não vai esgotar o saber”.

A sabedoria preserva de se dobrar sobre si mesmo, preserva da depressão, da amargura, do lamento, da incapacidade de colher os aspectos positivos presentes nas pessoas e nos acontecimentos, preserva de desprezar os outros, gesto que, muitas vezes, não é senão um disfarçado desprezo de si mesmo, da recusa daquilo que não faz parte da própria experiência, da crítica míope e negativa, da queixa contínua, da prepotência especialmente com os mais fracos, do medo da mudança e da morte. Erikson diz que a virtude da sabedoria preserva do *desespero* que se manifesta, sobretudo, no último estágio da vida com

muitas atitudes de desgosto, incapazes de um grande remorso. O desespero é a atitude de quem, tendo pensado só em si mesmo não gerou recursos e percebe não ter mais tempo para fazê-lo.

Como se consegue?

Não existem receitas, muito menos receitas fáceis. A sabedoria não depende do nível cultural: ter um ou mais diplomas pode ajudar, mas também pode servir de obstáculo. Relendo as *Memórias do Oratório* de Dom Bosco, como também o *Cato maior de senectute* de Cícero e as vidas dos Santos, mesmo daqueles considerados socialmente “modestos”, pode-se notar como esta característica amadurece por meio da superação das dificuldades encontradas na vida, mediante escolhas ditadas não pelo mais fácil ou pelo próprio interesse, mas pelos grandes valores éticos da honestidade e do amor aos outros. Uma vida muito facilitada e voltada ao prazer, fechada na preocupação do próprio bem-estar, geralmente não leva nesta direção.

Do ponto de vista psicológico, chega-se à sabedoria por meio da superação das crises próprias de cada estágio do ciclo vital, o último, o da velhice, incluído. Ao longo da vida, é importante a reelaboração contínua e o revigoramento da própria identidade pessoal.

A identidade pessoal configura-se na adolescência com o conhecimento e a aceitação da própria corporeidade, assim como se apresenta; das próprias características psíquicas (inteligência, criatividade, modos de sentir e de ser); do próprio status social e da própria história.

No transcurso da vida, muitas coisas mudam: nas relações, os eventos positivos se alternam com os negativos ou problemáticos; no trabalho, aos períodos de entusiasmo e de sucesso sucedem tempos de insucesso, de rotinas e de cansaço; aos aplausos geralmente comedidos, se alternam as críticas bastante generosas; a memória, a inteligência mudam. Também o corpo, depois de ter atingido o seu máximo desenvolvimento, deixa gradualmente entrever os sinais do tempo.

Para reforçar a própria identidade pessoal e avançar rumo à sabedoria, exige-se aceitar e elaborar a própria história, com sucessos e insucessos; amizades fiéis e traições; compreensões, reconhecimentos e mal-entendidos; sonhos profissionais e espirituais realizados e possibilidades desejadas, mas guardadas na “gaveta”; gozar por ter desempenhado ou por desempenhar papéis prodigiosos, mas também por ter sido ou por ser o/a tapa-buraco e de não se lamentar muito por ser ou sentir-se não considerada. Trata-se também de reconhecer, discernir, e aceitar indo além dos condicionamentos positivos e negativos, próprios de cada convivência humana e de cada cultura. É também muito importante, mesmo se não fácil, aceitar as modificações corpóreas que intervêm com o

passar das estações e que, em geral, vão rumo à diminuição e à perda da beleza e da eficiência, especialmente na última estação.

Na velhice ou em direção a ela, as modificações corpóreas e ainda mais a mudança de status social devido ao fato de não poder mais cobrir papéis prestigiosos ou profissões para a preparação das quais houve muito esforço, podem levar a uma dolorosa crise de identidade e a um profundo sofrimento por acreditar que a vida não tem mais sentido, dado que, como a sociedade eficientista propina, o *não poder fazer* pode ser sentido como *um não poder ser*.

A aceitação e a elaboração de tudo aquilo que aconteceu na própria vida, incluídos os erros, permite reestruturar continuamente a própria identidade pessoal, revigorá-la e chegar àquela *integridade do Eu* que contrasta com a falta de sentido e com o desespero que pode tomar espaço também com a aproximação da morte. A superação de cada crise abre

horizontes cada vez mais amplos e livres, e ativa a caminhada rumo à sabedoria, percursos empenhativos, mas cheios de serenidade, de paz, de alegria.

Quanto ao seu retorno a Jerusalém, Martin Buber escreve: “Os sábios talmúdicos dizem que ele (o ar de Jerusalém e para nós o encontro com Ele) torna sábio. Eu recebi dele outra coisa: a força para recomeçar”.¹ Na viagem rumo à sabedoria, a fé é de grande ajuda. O fato de crer que Alguém nos ama independentemente da beleza e da agilidade física, da idade, da função, do nível cultural, da consideração social, é uma força que permite ao ser humano chegar à sua plenitude, à sabedoria ou recomeçar. E a sabedoria é um alegre prelúdio, um sereno início do “para sempre”.

rossi_maria@libero.it

¹ BUBER Martin, *I racconti dei hassidim*, Guanda, Parma 1992, pág. XIII.

SUPLEMENTO DMA

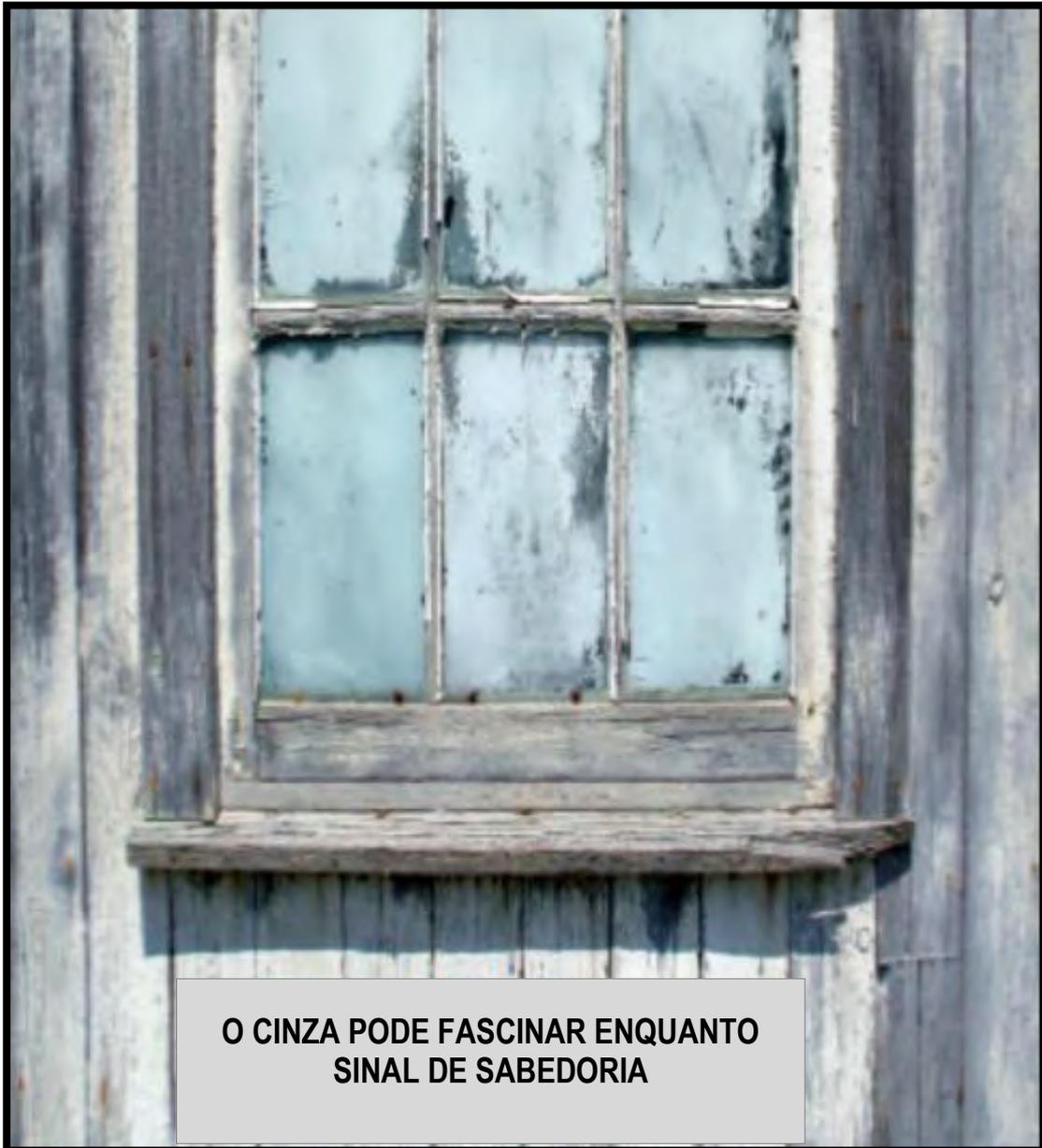
OS JOVENS

E AS CORES



CINZA

O CINZA É A COR DA SOMBRA, ANTES, É EM SI MESMO UMA SOMBRA



O CINZA PODE FASCINAR ENQUANTO
SINAL DE SABEDORIA

TEXTOS EXTRAÍDOS DE "SVOLTA DI RESPIRO"
DE ANTONIO SPADARO

DMA EM BUSCA:

Leitura evangélica
dos fatos
contemporâneos





Entrevista com Ir. Wilma Lúcia Ramírez (Colômbia)

Creio no futuro do carisma salesiano

Mara Borsi

Creio no futuro do carisma porque tenho a certeza de que haverá sempre e em algum lugar um coração jovem que deseja a verdade e o amor. Por isso contemplo com admiração o dom do carisma salesiano à Igreja.

Por que posso falar de futuro?

Porque o futuro pertence aos jovens, às “sentinelas do alvorecer”, como os chamou João Paulo II. Os jovens estão presentes em todas as nossas realidades e, saber estar ali com eles, caminhar ao seu lado, como fizeram Dom Bosco e Maria Domingas Mazzarello, é a essência do carisma salesiano.

Creio no futuro do carisma salesiano porque...

O futuro não é amanhã, o futuro é hoje, aqui e agora, no momento em que, contemplando e fazendo memória do passado, tornamos novo cada dia. Retomar a experiência das primeiras comunidades nos permite encontrar experiências vivas que dão vigor à paixão educativa e sustentam o sacrifício que comporta fazer-se dom gratuito para as novas gerações.

Somos chamadas não só a sonhar o futuro do carisma, mas a recriá-lo sendo fiéis ao dom e à identidade da nossa missão na Igreja, como lembra o primeiro artigo das Constituições: «São João Bosco fundou o nosso Instituto como resposta de salvação às profundas aspirações dos jovens».

Os jovens são o futuro, mas é na vivência cotidiana que estamos lhes dando a esperança carismática do amanhã. É esta a razão pela qual continuamos em grande número, direi grandíssimo, a acreditar no carisma salesiano.

Cabe aos educadores difundir com coragem a espiritualidade salesiana capaz de conferir felicidade e plenitude de vida.

Nós, os adultos, somos os primeiros a sermos interpelados; creio que é importante redescobrir nos nossos Fundadores o sentido de pertença total e exclusiva ao Deus de amor, a fé ardente em sua presença próxima e constante que nos torna atentos à sua vontade.

O coração oratoriano é garantia de futuro

Penso que o futuro do carisma esteja ligado à capacidade de ser fiéis ao “coração oratoriano”, que nos empenha a criar ambientes onde se faz de modo concreto a experiência de ter esperança no futuro.

Ambientes nos quais se podem perceber fatos que geram esperança e coragem no enfrentamento de questões da vida cotidiana segundo modalidades que sejam alternativas a tantas modalidades dominantes.

Cada uma de nós é pessoalmente responsável pela vitalidade do Instituto e pela fecundidade vocacional (cf C 73).

Realmente, o carisma contém uma energia que deve ser liberada com a nossa corresponsabilidade, no confronto com os desafios atuais, para expressar toda a sua força profética e criativa, nas fragilidades e pobreza que diariamente constatamos em nós e nas comunidades.

A história do Instituto, escrita pelas nossas irmãs nestes 140 anos superando dificuldades de todo gênero para permanecerem fiéis aos Fundadores dando respostas inovadoras às várias formas de pobreza, é centelha de futuro, inspiração e clara orientação de vida.

Hoje, com nossas vidas, continuamos a escrever esta história.

*Um sonho de Deus que se realiza no tempo,
Yvonne Reungoat, Superiora Geral.*

Escolas, oratórios, centros de formação profissional, pensionatos universitários, centros de acolhida para os que se encontram em dificuldade, são ambientes onde, precisamente porque pulsa o “coração oratoriano”, promove-se uma acolhida incondicional dos jovens, para fazê-los tocar com a mão que são “amados”. Ambientes onde se favorece por meio de exemplos concretos, um modo de ser homens e mulheres, alternativo ao modelo dominante, na lógica do Evangelho: perdão, solidariedade, liberdade e responsabilidade, senso do mistério.

Espaços onde os “interesses” concretos (esporte, música, encontro...) sejam experimentados como

“valores em si”... jamais instrumentalizados para outros fins, onde se encontra uma proposta cristã (e a sua celebração sacramental e litúrgica) como “boa notícia” para encarar o futuro.



Deixar que o “coração oratoriano” se exprima, que pulse em cada educadora, em cada educador salesiano e fazer a releitura do Sistema Preventivo a partir da esperança, para ser capaz de encontrar o ponto acessível ao bem, são os compromissos que nos esperam no hoje da nossa história.

Parece-me importante caminhar com esperança cultivando a riqueza da nossa identidade carismática, assim será mais fácil fazer ressoar em nós o apelo do Capítulo Geral XXII a converter-nos ao amor para sermos hoje sinal e expressão do amor preveniente de Deus.

A Madre falando do carisma salesiano como uma memória que nos interpela, afirma: «O futuro do carisma não depende tanto do crescimento das obras, quanto do crescimento das pessoas, da força do seu amor e da sua fidelidade ao projeto de Deus».

Então, não nos resta senão viver a aventura de sonhar e tornar concreta no dia-a-dia a atualidade do carisma salesiano, para que a paixão por Deus se converta em nós em paixão pelo crescimento integral das novas gerações.

mara@cgfma.org

PASTORALMENTE



Oratório Centro juvenil: qual futuro?

Anna Mariani, Mara Borsi



A evolução complexa da sociedade, as novas sensibilidades juvenis, as problemáticas e as oportunidades vividas pela juventude exigem que repensemos as formas de anúncio e de encontro. Na pré-adolescência os meninos já vivem experiências, as mais diversificadas: a ambivalência dos mundos juvenis coloca em evidência a importância do apoio e do acompanhamento educativo.

Maria Lan, FMA vietnamita conta que no seu País quase todas as comunidades têm Oratório e os jovens em geral são muito sensíveis à proposta educativa, e os pais, por sua vez, estão particularmente atentos e desejosos de que os próprios filhos frequentem este ambiente. O desafio para o futuro, afirma Ir. Maria, é qualificar-se melhor para o acompanhamento educativo

dos jovens, atualizar a metodologia catequética, para que os jovens na sua liberdade possam fazer um caminho real de encontro com Cristo e prestar uma atenção renovada à educação da consciência.

Michal Vojtás, salesiano eslovaco encontra-se em Roma para redigir sua tese de doutorado; a ele a ao diretor da revista *Note di Pastorale giovanile*, *Giancarlo De Nicolò*, perguntamos que futuro eles vislumbram para este ambiente educativo que é tão importante à Família Salesiana.

Dom Michal: O Oratório tem um papel fundamental na vida de um Salesiano.

Penso que a maioria dos coirmãos jovens tenham percebido sua vocação salesiana graças à informalidade e à familiaridade do ambiente oratoriano. E, seguramente, graças também à aproximação de algum salesiano que os acompanhava personalizando

o caminho. Ao menos é assim que dizem os relatos vocacionais...

O Oratório Centro juvenil nesta época individualista, consumista e secularizada terá um futuro se, por meio de todas as propostas, se tornar a casa dos jovens, sobretudo daqueles que não têm casa. É indispensável a presença amorosa dos membros de uma comunidade educativa que ofereçam aproximação e itinerários para aquela formação que falta nos outros institutos educativos. Isto é, orientação para o futuro também por meio de uma troca entre as gerações, abertura a questões existenciais, espaços de intercâmbio cultural, propostas fortes de compromisso e de voluntariado, acompanhamento pessoal, confronto inteligente e inculturado das questões de fé.

Dom Giancarlo: A validade de qualquer um dos oratórios depende... da proposta. Com o tempo aprendemos a compreender que o Oratório – como proposta “ideal” e como realidade “histórica” ou sócio-existencial (isto é, como instituição que tem seu valor e significado no território, para o povo e para a pessoa que o frequenta) – é a oferta educativa que exprime o todo da genialidade de Dom Bosco e do empenho da Família Salesiana ao longo da história. É, em uma palavra, o lugar onde o educador se torna não só proposta provocativa, mas também envolvente, que leva o educando a assumir a responsabilidade da própria maturidade e crescimento, espaço de autonomia e de protagonismo, lugar concreto onde acontece aquela síntese de educação e evangelização que, em nível teórico, ainda range e não se consegue viver a não ser separando, hierarquizando, negando. Obviamente, isto é válido para cada proposta educativa que se transmite em uma instituição onde intencionalmente encontra-se a alegria de viver e de compartilhar, de escutar e de acolher tudo o que está no coração dos sujeitos. Paixão por Jesus e pelo jovem, então, não só nos oratórios: é daqui que parte a validade constante do “critério oratoriano”! Hoje o Oratório e o Centro Juvenil devem ser reinventados.

É fatigoso pensar na Família Salesiana com novas formas. O Centro Juvenil tem futuro se encontra um presente, que, obviamente, não é para ser copiado de um passado glorioso, mas para ser inventado antes de tudo baseando-se nas necessidades formativas dos jovens de hoje, acolhendo os seus recursos.

A qualidade do Centro Juvenil é ser “para”, não simplesmente “para si”, na falsa convicção de que primeiro se forma e depois se age... num eterno processo de autoformação e satisfação de pequenas comunidades até estourar. Eu gosto de uma boa modalidade de um “virtual” (ou possível) Centro Juvenil com tudo o que acontece em torno e dentro do MJS lá onde ele vive do frescor do carisma salesiano e da capacidade de repropor “o que agrada aos jovens” e do jeito que eles gostam (JMJ, encontros, atividades de compromisso, empenhos de formação, festas, escolas de oração...).

Francesco – jovem animador – Eu entrei no Oratório com a idade de 9 anos, atraído pela alegria e pela festa. Era preciso pouco para nos divertir: Tudo para mim era divertimento e jogo. A presença de jovens animadores suscitou em mim a pergunta... Por que não ser como eles? Foi assim que teve início a minha aventura... primeiro como auxiliar de animação e depois como animador. O Oratório hoje para mim?... é um lugar de convivência, educativo e recreativo destinado a todos, voltado especialmente aos adolescentes e jovens. Uma oportunidade, para crescer e amadurecer na fé... um lugar, por conseguinte, de formação humana e espiritual. O Centro Juvenil é um lugar acessível a cada menina/menino para além do seu credo: é a pessoa de cada um que é acolhida, valorizada, estimada e respeitada para além de suas crenças e sensibilidades religiosas desde que isso não se traduza em atitudes e comportamentos que violem os valores e os princípios da fé cristã à qual o Oratório–Centro Juvenil faz referência em cada iniciativa.

comunicazione@fmaironet.net, mara@cgfma.org

MULHERES NO CONTEXTO



Mulheres para o bem comum

Paola Pignatelli, Bernadette Sangma

Para o bem comum era o tema do terceiro encontro da *Zermatt Summit Foundation* realizado de 21 a 23 de junho p.p. na Suíça. O evento reuniu 150 líderes internacionais do mundo da economia, da política, da espiritualidade e da sociedade civil. Sua convicção: a globalização pode ser colocada ao serviço do bem comum e, com isso, realiza-se um processo de humanização da própria globalização.

Entre muitas parilhas significativas, sublinhamos o testemunho de Kristian Engvig, mulher norueguesa, fundadora e chefe da rede Women's International Networking, que agrêmia mais de 4000 mulheres profissionais de mais de 70 países. O tema do seu testemunho: "*A liderança das mulheres pelo bem comum*". Sua proposta para o caminho original e criativo da feminilidade, é fascinante. De fato, ela afirma: «Cheguei à convicção de que o feminino autêntico pode salvar o mundo. O meu idealismo levou-me a encorajar as mulheres a assumirem, com toda a sua humanidade, um papel-guia nos projetos, contribuindo deste modo na criação de um mundo melhor. Para que tudo isso aconteça, acredito que seja necessário que as mulheres cooperem umas com as outras e tenham um espaço exclusivamente para elas». Para tal fim, propõe uma liderança que não procure recalcar o estereótipo masculino, mas que aponte para uma visão mais feminina, global e sustentável ao trabalho, às comunidades e à vida.

Em uma entrevista dada há um ano atrás, lança sua lúcida proposta às mulheres do mundo do trabalho: «Exorto as mulheres a encontrarem o seu verdadeiro caminho. Isto significa, também, desenvolver uma vida interior e ter amplos horizontes diante de si, mesmo nas necessidades: de fato, é difícil permanecer em uma situação na qual não nos sentimos à vontade. Mas a força das mulheres, quando podem ser elas mesmas, está na capacidade de colaboração, de criar harmonia, de assumir e de lutar por aquilo que se ama.

Muitas mulheres são grandes comunicadoras e conseguem captar intuitivamente o que não é dito. Por isso, em favor do nosso crescimento como seres humanos, é necessário procurar aprender tanto do feminino como do masculino e é importante saber valorizar as nossas diferenças».

Para o bem comum com "talho duplo"

É a história de Lou Xiaoying di Jinhua na província de Zhejiang. Tem 88 anos e uma doença nos rins. No primeiro dia de agosto de 2012, pela UCAN News (Agência de Notícias Católicas na Ásia) é publicada uma notícia que lhe diz respeito. O artigo intitulado "Uma mulher salva 30 recém-nascidos do lixo", relata que, em 1972 quando o marido ainda estava vivo, Lou,

enquanto recolhia em um lixão material reciclável, encontrou uma recém-nascida abandonada no meio do lixo, na estrada.

A menina teria morrido se ela não a tivesse achado.

É comovente notar o valor absoluto atribuído à vida humana como componente fundamental do bem comum. Também em situação de pobreza, a vida humana é colocada em primeiro lugar: «Eu me perguntei: se temos força suficiente para recolher e reciclar a imundície, como não podemos recolher e "reciclar" a preciosidade de uma vida humana? Estas crianças têm necessidade de afeto e de cuidado. São vidas humanas preciosas. Não entendo como uma pessoa possa deixar uma criatura tão frágil e indefesa na rua».

Quando recolheu a última criança de nome Zhang Qilin, Lou já tinha 82 anos. Diz: «Mesmo sendo idosa não podia ignorar a criança e deixá-la morrer na sujeira. A criança era tão doce e tão carente que não pude fazer outra coisa senão levá-la para casa comigo, mesmo sendo a casa muito pequena e modesta. Comecei a tomar conta daquela criança. Agora ele já é um menino sadio e alegre. Os outros meus filhos (todos recolhidos da mesma maneira) ajudam-me a cuidar de Zhang Qilin nome que em chinês significa "excepcional e precioso"».

Poços para a educação das meninas

Poder-se-ia perguntar onde está a ligação entre um poço e a educação das meninas. No entanto sabemos que em muitas partes da África, da Ásia e da América Latina, a água como bem comum é de difícil acesso e leva a sérias consequências de pobreza, incidindo sobre a saúde e sobre a educação, sobretudo das mulheres e das meninas.

Para enfrentar tais situações no Sudão do Sul, a comunidade FMA de Tonj pôs em prática uma ação estratégica capaz de gerar notáveis mudanças. Trata-se de um projeto realizado há alguns anos, com o apoio financeiro da Confederação das/dos Ex-alunas/os das FMA.

Os vilarejos de Waramel e Laithok, perto de Tonj, eram as áreas de maior atenção. Naquela zona, o acesso à água, sobretudo durante o período da seca, é escasso. Uma das consequências imediatas é o alto percentual de meninas que não frequentam ou que abandonam a escola. De fato, a coleta da água mantém as meninas longe da escola, pois devem caminhar horas e horas para buscá-la.

Por este motivo as FMA programaram a construção de poços perto dos vilarejos. Tal estratégia, além de oferecer a possibilidade de acesso à água a todos os habitantes da aldeia, possibilitou e favoreceu a

a frequência escolar das meninas e, assim, contribuiu para um futuro diferente, não só para as meninas, mas para a sociedade inteira.

A ação tem múltiplas potencialidades de transformação da realidade, porquanto o acesso à educação poderá gerar a mudança de mentalidade relativamente à dignidade das mulheres e das meninas. Na cultura dinka, etnia majoritária na região, as meninas valem pelo dote que trazem da família. É o pai que decide a quem dar a filha em matrimônio e, geralmente, a escolha cabe àquele homem que

oferecer um número maior de vacas. A jovem não tem nenhuma possibilidade de se manifestar.

“Poços”, portanto... carregados de futuro e de esperança a 360º! Profundos e ricos, como profunda e rica pode ser a vida e a dignidade de uma mulher, em todas as latitudes!

paolapignatelli@hotmail.com

MOSAICO



Direitos em jogo

Anna Rita Cristaino

Dom Fortunato Di Noto fez da luta pela tutela dos direitos da infância, sua missão.

Com a associação Mater, por ele fundada, deu início a uma verdadeira guerra contra a pedofilia *on line*. Formar, informar e prevenir são os objetivos da associação que opera em estreito contato com policiais, médicos, pais, professores.

No mês de outubro ele denunciou a presença de um jogo de cartas a pagamento, *on line* cujos conteúdos são macabros. Um jogo internacional, social e fácil de ser compartilhado.

O seu aceno a respeito do fato levou à indignação muitas associações que trabalham pela tutela dos direitos dos menores e das mulheres.

Em resumo, com este jogo, por apenas quinze euros o jogador adquire *on line* noventa e nove cartas (com conteúdos e desenhos que evocam violências e estupros em grupo), gerencia suas “meninas”, classificadas em escolta de luxo, prostitutas de rua e “jovens promessas”, as faz trabalhar a golpes de perversão desenfreada e, se não rendem o suficiente para abater os outros jogadores em competição, no final as mata e vende os seus órgãos..É uma farsa, mas também largamente acessível a todos, visto que para entrar no site basta clicar sobre o «sim»

à pergunta: «Você é maior de idade?» e que para adquirir as cartas e jogar basta somente um *paypal*.

Em suma, trata-se do «primeiro jogo de cartas dedicado à exploração da prostituição», explica Dom Fortunato Di Noto: «Cada jogador tem um papel, o de explorador de prostitutas, gerindo golpe a golpe suas meninas, cada uma com uma própria “particularidade”, parcela e resultado final, e em caso de ko (nocaute), sucessiva venda dos órgãos».

O comentário de Dom Di Noto é duríssimo: «Com estas coisas podem-se gerar comportamentos» e «este é um “jogo” que induz a pensar que explorar as pessoas é lúdico, que vender órgãos é como vender peças sobressalentes. Os direitos humanos são pisoteados por meio de um jogo».

Não só, mas «quem idealizou este jogo, pessoa conhecida no mundo da pornografia talvez não conheça o que significa ser explorado, ou o drama de uma escravidão ligada a aproveitadores, ou vender um órgão para adquirir um pedaço de pão». Pouco importa: «Não creio que isto possa interessar-lhes, dado que o jogo é parte do negócio que tira proveito da estupidez de uma perversão sexual ilógica».

arcristaino@cgfma.org

DMA - COMUNICAR: Informações, notícias e novidades do mundo da mídia





Dizer a verdade

Um olhar sobre o mundo

Patrizia Bertagnini, Maria Antonia Chinello

O direito à informação não é um privilégio dos funcionários, mas um componente da liberdade dos cidadãos, uma garantia de democracia. O dever essencial é respeitar as pessoas e não transformar a informação em um espetáculo que ignora e lesa a dignidade humana. A liberdade de informação é um direito inextinguível. Em qualquer veículo de suporte, papel, vídeo, rádio, digital, a informação deve ter um rosto, uma finalidade, deve ter valores de referência.

Quem informa não pode ser um comunicador qualquer.

Esta convicção colide com alguns eventuais fatos de ressonância internacional que, ultimamente, nos induzem a perguntar qual é a verdade a ser informada e se está certo publicar qualquer notícia e imagem, sempre e sem autocensura.

Por trás das notícias

Alguns fatos. Setembro de 2011, *Wikileaks* posta integralmente na rede 251 mil *cable* da diplomacia dos Estados Unidos sem cancelar os nomes de colaboradores e informadores locais que, por conseguinte, se tornam conhecidos de qualquer pessoa. A organização liderada por Julian Assange, que apela para a “liberdade de imprensa”, é criticada.

Setembro de 2012: o semanário francês *Closer* é condenado pela publicação das fotos de Kate Middleton, de *topless*. O diretor do jornal arrisca-se a pegar até um ano de prisão e deve pagar 45 mil euros de multa, mais a ordem de restituir todas as fotos. Porém, as receitas econômicas, em poucos dias, alcançaram cifras altíssimas, sem pensar na publicidade: a revista vendeu 500 mil cópias (100 mil a mais do que o habitual). A Internet neste ínterim retomou e relançou a história e as imagens: é impossível pedir para retirar as cópias já em circulação na Rede.

O lançamento no *You Tube* do filme “*Innocence of muslims*” desencadeia a raiva das massas em alguns países árabes e o embaixador dos Estados Unidos na Líbia foi assassinado juntamente com três funcionários. Uma semana depois, uma revista francesa satiriza

publicamente a figura de Maomé com algumas caricaturas irreverentes.

A raiva, que o semanário americano *Newsweek* publica na primeira página, desencadeia reações contrastantes também no *Twitter*.

Lei da mordada ou autodelimitação do dever?

Não é a primeira vez que nos encontramos diante de casos em que a liberdade de informar (ou mesmo de apenas comunicar uma opinião) entra em conflito com os costumes, a boa educação, a lei. Sem dúvida, a violência com o fim em si mesma, é condenada; são consideradas as diferenças entre direito de opinião e direito de ofensa, mas pergunta-se: é justo publicar tudo sempre, como indica o modelo *Wikileaks*? Há limites, sobretudo na era da Internet na qual as informações viajam em 360° e à velocidade da luz assumindo, uma vez “postadas”, uma autonomia quase irreversível?

A questão está aberta e nos interpela como educadoras neste mundo “sem limites”, onde, porém renascem fortes e bem fundamentadas as identidades nacionais, religiosas, étnicas, culturais.

A Rede para a verdade da pessoa

O jornalista Mário Calabresi, diretor do cotidiano italiano *La Stampa*, sustenta que: «Ir ao coração da informação significa não antepor a crítica aos fatos e deixar falar a realidade. Devemos remeter a realidade ao centro, deste modo não há percursos obrigatórios, caminhos dos quais não se pode sair. Hoje assistimos à utilização do falso como meio para atrair as pessoas com a ideia de que a razão está do lado de quem a dispara melhor. Eu, ao contrário, penso que não precisa perder de vista o homem e que é necessário um olhar positivo para que haja algo de verdadeiro que cubra o falso, o negativo. A realidade é teimosa, ninguém consegue dobrá-la ou manipulá-la para sempre, se este olhar positivo se mantém vivo».

Em outras palavras: informar é palavra composta pelo prefixo “in”, que neste único caso na língua italiana tem uma acepção aumentativa. Informar igual a educar. Também neste campo entram em jogo os

nossos compromissos: educar-nos e educar a ver além e no interno da história e dos eventos vividos diariamente, a não nos deter nem nos contentar em

dividir o mundo entre “bons e maus” para sentir-nos do lado certo, a colocar em discussão a voz da mídia para “dar voz a quem não tem voz”.

mac@cgfma.org
suorpa@gmail.com

CONTRA

LUZ

DA OBJETIVIDADE

Se, como quer a etimologia da palavra, “in-formar” significa literalmente “dar forma”, “plasmar”, “modelar”, a informação é aquela notícia, aquele dado que fornece elementos de conhecimento, isto é, que informa sobre alguma coisa.

Mas, a que as informações dão forma? Não há praticamente nada do que não se possa dar informação, pois informando dá-se forma à realidade, ao mundo. Neste sentido “dar forma” equivale a “dar ordem”, entendido com dois significados: como eliminação da desordem e como redução daquilo que é complexo, isto é, como simplificação.

Fazer circular as informações serve, por isso mesmo, à criação de um mundo no qual as pessoas circulam melhor, de uma realidade na qual é mais fácil movimentar-se, trabalhar, viver. Não há necessidade de ser especialista da informação ou jornalista para perceber a necessidade de submeter-se docilmente à lei da informação; ela é capaz de aplinar o caminho gerando participação e empatia, compartilhando a solidariedade, mas pode fazê-lo somente se suas prerrogativas fundamentais forem respeitadas: a falta de neutralidade, ou seja, a capacidade de enfileirar-se e de tomar posição, e a imparcialidade, isto é, a capacidade de manter-se imparcial no julgamento.

O compromisso de manter unidos estes recursos aparentemente contrastantes, enquanto orienta a uma honesta e íntegra busca do verdadeiro, permite manter elevado o nível de autenticidade e de imparcialidade na informação.

A MJM AS CONFJAS



Entrevista com Ir. Luz Inés Valdés Zapata

Nossa bela vida

Anna Rita Cristaino

Luz Inés Valdés Zapata, nasceu em Medellín (Colômbia), e cresceu em Tuluà Valle onde vivem atualmente seus pais, seus irmãos e suas irmãs.

Viveu sua história vocacional em sua família. De fato, a irmã Betty foi a mediadora no discernimento de Luz Inés. «No inverno de 2002, enquanto esperávamos num parque a procissão do Santo Sepulcro, eu falava do futuro com minhas duas irmãs.

Minha irmã Betty contou-nos que nos anos de colégio havia cultivado o desejo de se tornar religiosa, mas que a vida, depois, lhe fizera compreender que os planos do Senhor eram outros para ela. Contou como era a vida das irmãs franciscanas, com as quais trabalhava na pastoral, dizendo que eram joviais, generosas e próximas.

Depois de haver escutado minha irmã, disse: “Há religiosas de vida ativa? Gostaria de ver como elas vivem!”».

Betty, naquele período, trabalhava com os salesianos e conta a um sacerdote encarregado da pastoral juvenil, o diálogo que havia tido com Luz Inés e ele lhe deu um folheto vocacional, com o endereço eletrônico da FMA encarregada da promoção vocacional. «Voltando para casa, depois de uma longa jornada de trabalho, encontrei este folheto no meu quarto, eu o li e senti alegria no meu coração». No dia seguinte Luz Inés manda um e-mail para a religiosa, ela responde e começam a conhecer-se.

Depois de alguns dias recebe pelo correio três livros: um sobre Laura Vicuña, outro sobre Ir. Maria Troncatti e um terceiro sobre Madre Mazzarello. «Ao ler estes livros, sobretudo o de Madre Mazzarello, cresceu em

mim a “saudade” de viver consagrada a Deus no serviço aos outros».

Três meses depois faz uma experiência de 8 dias no aspirantado de Medellín. «A vida comunitária serena e feliz e o apostolado num quarteirão de gente pobre, me permitiram ouvir a voz de Deus que me chamava a ficar para sempre com as fma..., mas não imediatamente».

Depois desta experiência volta para casa para falar com sua família, saudar os amigos e amigas e ainda trabalhar por um mês.

«Minha mãe chorava pela alegria de ter uma filha religiosa, mas também pelo desprazer de precisar separar-se de sua filha menor. Meu pai, ao contrário, depois de alguns dias de reflexão, perguntou-me: Inés, você teve alguma desilusão amorosa e por isso quer fazer-se religiosa?», então eu lhe expliquei-lhe que não era assim e ele me disse: “Não gosto muito da ideia, porém não quero que no futuro você diga que por culpa minha não é feliz. Portanto, respeito a sua decisão”».

Seus irmãos e suas irmãs lhe dão apoio e a ajudam com seus conselhos. Suas amigas em vez no início queriam fazê-la sair para conhecer alguns rapazes, pensando deste modo fazê-la trocar de ideia. Mas no final se rendem’.



No período precedente ao ano de aspirantado, Luz Inés trabalha com seu irmão em uma fábrica de sorvetes. Depois do Ensino Médio, deseja continuar os estudos universitários. Gosta de psicologia ou ciências sociais, matérias que lhe permitiriam trabalhar para o povo. Mas os seus pais não podem pagar os estudos universitários para ela e a outra irmã. Começa então a trabalhar para poder ganhar o necessário a fim de manter-se no curso. «Papai e mamãe nos ensinaram que devemos conquistar as coisas, que é preciso trabalhar para ter aquilo que se deseja».

Luz Inés atualmente está em Roma. Em outubro recebeu o Crucifixo missionário e se prepara para partir para as missões. «Descobri minha vocação missionária quando era postulante: uma irmã que ficara 25 anos na África, havia voltado para a comunidade.

O seu testemunho de vida feliz e seus relatos entre os africanos mais pobres, fizeram crescer em mim a vocação missionária, que aos poucos foi se purificando e fortificando com o tempo, com as experiências feitas nas diversas comunidades onde experimentei a missão e a vida comunitária de nossa bela vida religiosa salesiana».

Depois da primeira profissão Luz Inés mora em quatro comunidades: em Urabá-chocoano (zona de missão) como catequista; no colégio Maria Auxiliadora do El Santuario-Ant como coordenadora do internato, professora e encarregada de alguns grupos de pastoral entre os quais a infância missionária; é assistente no aspirantado, no postulado e no noviciado. Se lhe pedem para fazer uma síntese de sua experiência de vida com as fma, responde: «Felicidade, fidelidade, fecundidade».

«Nos momentos de dificuldade senti força: na Eucaristia, na oração e no pensar nos que sofrem, estimulando-me a estar bem para poder fazer o bem. A alegria maior é ter consagrado a minha vida ao Senhor, para sempre, no Instituto das FMA».

arcristaino@cgfma.org





por Mariolina Parentaler

Uma vida simples de Ann Hui - China/Hong Kong - 2011



UMA VIDA SIMPLES nasce do encontro de duas mulheres: Ann Hui, a primeira diretora que ganha o Oscar Asiático, e a atriz Deanie Yip que, por este filme, venceu a Coppa Volpi 2011 na Mostra Internacional do Cinema de Veneza onde participou do concurso, com pleno reconhecimento e Prêmios. Além da Taça Volpi pela melhor interpretação feminina recebe a menção especial do Prêmio SIGNIS, o Prêmio “La Navicella Veneza Cinema” da Fundação *Ente dello Spettacolo*, o Prêmio “Nazareno Taddei”, o “Pari Opportunità”, e três paralelos. Inspirado em fatos e pessoas reais, o filme narra de Ghung Chun-Tao, dita Ah Tao, forçada pelos eventos a transcorrer desde a infância uma vida ao serviço dos outros, mas que soube infundir nesta sua humilde doação uma dignidade e uma paixão exemplares. Porquanto simples, a história verdadeira desta extraordinária pessoa que há sessenta anos é empregada de uma família burguesa recebendo dela respeito e amor, presenteia com um hino cheio de ternura a velhice. “Hui a traduz numa direção sem truques, imprimindo sobre a realidade um sinal especial de transcendência”, escreve agudamente Levantesi. Um excelente apelo ao afeto que se deve às pessoas a “caminho do pôr do sol”.

Tocante e refinado relato que se torna lição de vida

Inspirado em um acontecimento pequeno e talvez comum «nasceu um filme absolutamente não comum na sua estética essencial, na sua aproximação realística, no seu relato poético» comenta concorde a crítica.

Apoia-se na protagonista Ah Tao que, assim que nasce é dada em adoção a uma família cujo pai morre durante a ocupação japonesa e a mãe a manda – ainda adolescente – para trabalhar para os Leung, uma família rica, tornando-se assim “amah” isto é uma servidora da vida. Nós a encontramos com 70 anos de idade, depois dos 60 de trabalho com eles. Alguns componentes morreram, outros emigraram para os Estados Unidos. Em Hong Kong ficou apenas o jovem Roger, hoje produtor cinematográfico ao qual Ah Tao continua a dedicar-se como a um filho. Ela o ajuda e o mal acostuma ainda, fazendo, por exemplo, suas comidas preferidas para compartilhar com os amigos ou recomendando continuamente para que pense na própria saúde.

Certo dia, voltando para casa, Roger encontra a mulher com um acidente vascular e, a esta altura, os dois papéis se invertem: é ele que vai cuidar dela. Leva-a rapidamente ao hospital, mas quando ela retorna, precisamente para não servir, de nenhum modo, de incômodo ao amado filho, Tao decide ir para um asilo. Um lugar – não importa quão deprimente ou esqualido – onde poderá encontrar uma nova “família” para cuidar e tantos anciãos desconhecidos aos quais oferecer sua inata generosidade.

Todo o estilo do filme é inconfundivelmente o de Ann Hui acariciando a câmera com os corpos dos seus personagens, mas, sobretudo, são as expressões, mesmo as menos perceptíveis, arrebatando olhares furtivos e piscadelas entre dois personagens que não necessitam nem mesmo de palavras para comunicar o afeto recíproco.

O que chega ao público é uma espécie de empatia que excede a tela e cresce na medida em que Roger e Tao compreendem que representam uma família completa, ajudando um ao outro.

Não é frequente encontrar filmes assim fortemente enraizados na ambientação de origem e ao mesmo tempo capazes de falar de temáticas universais.

A obra da diretora é profundamente asiática: sua escolha da “amah” – espécie de empregada que se insere no contexto da família ainda adolescente e cuida dos pais, dos filhos e netos por dezenas de anos, tornando-se quase da família dos padrões da casa – evidencia um papel desempenhado de maneira tão completa apenas naquela latitude. Talvez por isso tornou-se difícil (para não dizer incômodo) a muitos espectadores ocidentais apreciar a profundidade do sentimento/mensagem que liga os protagonistas. “Uma vida simples” sabe falar de sentimentos encontrados em toda parte. Imortaliza transformações sociais que investem em qualquer sociedade economicamente avançada. Por meio da imigração a baixo custo, chegam realmente estrangeiros que tratam as criadas de modo diferente, como nós conhecemos, enquanto o ofício de amah vai desaparecendo com o risco de que Tao, a nossa protagonista, personifique um mundo em via de extinção. Envelhece assim como aumenta a idade média da população do seu país, adoece assim como o povo de Hong Kong (e/ou do mundo) está enfermo de solidão, e vê desagregar-se uma instituição chave como a família, detonada pelo efeito de um trabalho que deixa pouquíssimo tempo para as relações afetivas e a dispersa em todos os lugares.

PARA REFLETIR

Sobre a ideia do filme: Lançar uma mensagem às novas gerações que tendem a ver os idosos como um peso.

“Esta história – confessa a diretora chinesa – subitamente tocou uma corda dentro de mim, porque cada um de nós tem uma pessoa como Tao na sua vida” e a recriou como um personagem esplêndido. Um personagem no qual transparece toda a humildade e a bondade de uma mulher que sente ter recebido muito da vida mesmo se na realidade não fez outra coisa senão servir e dedicar-se às vidas de outras

peças. Mesmo tendo vivido sessenta anos em contato com a mesma família, sempre se manteve no esconimento – lugar que escolhe e sente ser o seu - pelo que faz fadiga para aceitar qualquer tipo de gratidão. O seu personagem resplande ainda com mais graça no relacionamento com Roger, o adulto que somente mais tarde percebe a importância desta doce criatura com a qual chega a tecer uma relação muito mais natural do que aquela que tivera com a mãe e com qualquer outra mulher de sua vida. Os seus extraordinários duetos oferecem momentos de grande ternura e de verdadeira comoção sobretudo ao colocar em cena a tentativa de reinseri-la e de fazê-la sentir verdadeiramente que faz parte da família, da sua vida. São instantes nos quais o rosto de Tao se enche de gratidão, orgulho, felicidade, assim como o coração dos espectadores.

Sobre o sonho do filme: Colocar em foco o convite mais humano e profundo da consciência universal diante de Quem nos criou. O dever de permanecer ao seu lado e de retribuir ao seu amor.

«Raramente – escreve a diretora – os filmes de Hong Kong falam das pessoas idosas. Envelhecer é um tema universal e eu gostaria de mostrar como os Chineses tratam os seus anciãos, de modo diferente com relação aos Ocidentais. Todos nos tornaremos velhos um dia, mas a diferença está no modo com o qual decidimos viver até os últimos dias a nossa vida. Os idosos podem ter perdido a sua juventude, mas ainda sonham com aquilo do qual todos temos necessidade: o amor puro e simples de uma outra pessoa». A autora usa um estilo linear e realista, mas comove e edifica. O fato de ter começado sua carreira como diretora de documentários desenvolveu nela um forte interesse pela análise e observação da vida e do povo simples, tanto a se tornar um verdadeiro traço distintivo da sua filmografia que dedica prevalentemente a fatias de vida cotidiana, sobretudo dos mais infelizes. Confirmando ainda uma vez a sua fineza expressiva, também em “Uma vida simples” consegue capturar a emoção do espectador levando-o a refletir sobre a realidade que o circunda. Neste caso, o abandono dos idosos nos asilos e nas casas de repouso.



ESTANTE – VÍDEOS por Mariolina Parentaler

PARAÍSO AMARGO – *The Descendants* - Alexander Payne, USA 2011

Filme com 5 indicações ao Oscar, que nos Estados Unidos não levou para casa nem mesmo um comentário ruim e foi julgado como a melhor obra do diretor. Foi definido “um extraordinário exemplo de compostura estética e vontade de escavar em profundidade na psicologia e nos sentimentos de homens comuns”. Alexander Payne constrói o Paraíso amargo segundo o seu estilo linear de direção, nunca ostentado, que enquadra rostos e ambientes deixando que sejam eles com os diálogos de um roteiro humaníssimo a criar a substância do filme. O resultado é uma comédia muito tocante, hábil ao escavar figuras que se diferenciam pouquíssimo de nós. A trama nos leva ao Havá, uma paisagem de extraordinária sugestão turístico/ambiental, porém não mais o paraíso em terra, ao menos para Matt King (interpretado por George Clooney). Advogado de meia idade é o administrador de uma vasta propriedade de terra virgem por conta dos “Discendenti” (título original). Sua

mulher Elizabeth, há pouco tempo sofreu um acidente que a deixou em coma, e não se recuperará mais. Não resta senão “puxar o plugue”, como deixa escrito no seu testamento. Há anos concentrado no seu trabalho, Matt se reencontra com duas filhas de 10 e 17 anos que já não conhece mais, descobrindo que a mulher o traía. Deverá então elaborar bem mais do que um luto, e prover as necessidades de suas duas filhas, diversamente, mas igualmente difícil. O que fazer? «É a sua vida, que forçosamente não será mais como a de antes, que vai responder. É sobretudo, o diretor/autor com a câmera nos ombros, não obstante fossem temas ultrasensíveis no manuscrito (testamento, propriedade privada etc.) saindo pela tangente. Não, em vez disso Payne chega a ‘carburar’ por meio da ótima interpretação de Clooney uma profunda e eficaz reflexão multiprospecta sobre o luto e o renascimento, a perda e o “ganho”, o amor e o perdão».

UM DIA ESTA DOR TE SERÁ ÚTIL - Roberto Faenza, ITÁLIA 2011

Transposição do romance homônimo de Peter Cameron, é o 2º filme americano de Roberto Faenza, que olha para os adolescentes da solidíssima tradição literária USA e realiza o retrato de um menino complexo, profundo e curioso que assume o rosto e a sensibilidade de Toby Regbo. É o retrato humorístico e apaixonado da New York de hoje (onde foi inteiramente rodado), relatando por meio dos olhos do jovem James e da sua escangalhada família. «O retrato enxuto e linear de um jovem curioso à mercê de uma rebelião silenciosa, escreve Marzia Gandolfi. Dezesete anos e nenhuma vontade de ser alcançado: pelo celular, que joga em um truque artístico, e pelos adultos que o queriam consumidor de objetos e de afetos». Filho de pais separados e irmão menor de uma irmã que se apaixonou por um professor, James foge do mundo e de todos: comunica-se somente com Nanette, avó de bom senso e de bom coração, e Miró, um cãozinho negro que se crê humano. Seguro de não querer

frequentar a escola, o rapaz passa por fortes momentos de incompreensão da família e de uma empregada da galeria de sua mãe que lhe faz brincadeiras com piadas que desagradam. Somente a morte improvisa da avó o induzirá a acertar contas consigo mesmo e a pensar no próprio futuro. Enxuto e linear, o filme adere ao romance de formação de Cameron colhendo sua alma: “as percepções sociais, as relações interpessoais, as visões da realidade, a aragem do tempo, a ‘normalidade’ entendida como renovação moral e não como rotina esclerosada”. À espera de não ir para a escola e trabalhando numa galeria na qual ninguém compra nada, o jovem compreenderá que não se pode suprimir a vida, mesmo se ainda não se sabe o que se quer dela. Mas para vivê-la, a dor acumulada lhe será útil um dia, junto com tudo quanto a avó lhe deixou. Um tesouro imenso, guardado para sempre no coração.

ESTANTE – LIVROS por Adriana Nepi



DEUS TAMBÉM É CHINÊS Kristin Kupfer – Paulinas 2011

A autora é uma jornalista alemã e Wang Ting é a jovem chinesa católica que se disponibilizou a uma espécie de longa entrevista: para falar de si, do seu trabalho, da sua vida cristã vivida em um contexto político não fácil. O leitor encontra uma mulher simpática, libertada, corajosa.

Vem de uma família de camponeses de antiga tradição cristã, trabalha como assistente social e é casada com um homem que compartilha a mesma fé: com coerência tal capaz de maravilhar os ocidentais, tão mornos e desenraizados.

Nasce entre as duas mulheres uma relação de amizade: a jornalista tem a possibilidade de ser acolhida nos ambientes de vida e de trabalho de Wang, captando diretamente o desenrolar de sua vida diária, os problemas, as alegrias e os desprazeres.

Conhece seus pais, sua parentela, admira sua sabedoria antiga e a cortês dignidade chinesa.

Sente-se tocada pela fé simples e convicta, perfeitamente integrada com a vida. Eis um diálogo colhido na cozinha, onde os dois cônjuges, tendo voltado do trabalho, juntos preparam o almoço. A jovem esposa chinesa está preocupada: há tempos ela e o marido desejam um filho... “Não sei o que Deus pensa para nós – diz enquanto lava os tomates – mas quero confiar.

O exemplo de Abraão e de sua esposa demonstra que nada é impossível para Deus”

O marido aprova seriamente: realmente os fatos da Bíblia são para eles palavra atual de Deus! Não ignoram a difícil situação da Igreja chinesa, mas não se permitem julgar. Conhecem e amam o Papa, sabem que ele tem nas mãos o timão da Igreja. Talvez tenham alguma coisa para nos ensinar...

O DESERTO FLORIRÁ Rosemary Linch – Ed. ICONE 2011

É uma mulher excepcional esta Irmã franciscana que gastou todas as energias de sua longa vida em prol da paz.

A paz de Ir. Rosemary é, porém, inseparável da não-violência ativa e se inspira precisamente em São Francisco que, no tempo das cruzadas, ousou apresentar-se desarmado ao sultão para falar-lhe de

Jesus. Desde jovem, orgulhosa de ser cidadã da grande América, Ir. Rosemary era tão honesta e inteligente que descobriu, com o tempo e a reflexão, as graves responsabilidades do seu País: ruinosas intervenções militares, extra-poder opressivo das multinacionais, obstinação em esbanjar enormes recursos financeiros para levar a cabo experimentos nucleares.

E começou a sua “campanha”: impávida, com imensa liberdade interior: seguida por poucos que compartilhavam a sua coragem, sem limitar-se aos protestos verbais, mas ousando violar as cercas de arame farpado no interior das quais a defesa

americana efetuava secretamente no subsolo as explosões letais: o povo, dizia, não deve ignorar...

Presas várias vezes por tal violação e também pela solidariedade com os índios da América despejados dos territórios em que viviam há séculos, acabava por se tornar amiga dos seus acusadores incapazes de resistir à força da sua lógica evangélica.

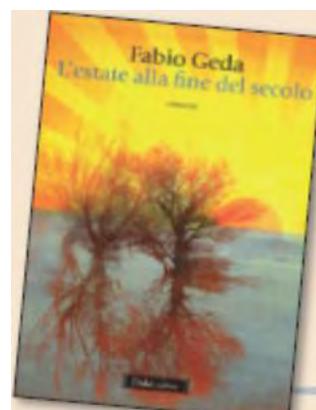
A velhice não a surpreendeu inoperante ou desistente. Sempre sustentada pela sua Congregação, trabalhou até os seus 94 anos de idade, e nos deixa uma mensagem a ser meditada: “Há alguma coisa que cada um de nós pode fazer, aqui e agora”.

O LIVRO



por Emilia di Massimo

O verão no final do século



Há incompreensões que ficarão sempre indecifráveis; difíceis de serem explicadas, elas estão sedimentadas no coração, na mente, paralisando toda expressão verbal. O hábito à recíproca ausência não gera o desejo de anular as distâncias, mesmo quando se está muito perto.

No entanto, os liames incanceláveis do coração não se rompem e neles a vida continua a pulsar mesmo quando se decide a não dar uma alma às palavras.

Talvez seja assim a dança que vizinhança e distância sabem tecer e que toma corpo no verão de 1999, quando um pré-adolescente se senta num banco e vê pela primeira vez seu avô materno: até aquele dia ele ignorava a sua existência.

Zeno chega com a mãe Ágata ao Colle Ferro, uma isolada aldeia nas montanhas da Ligúria onde o avô, Simone Coiffman, decidiu viver depois de haver perdido a mulher Elena; uma escolha resultante também do passado, porquanto o ancião passou sua infância em Colle Ferro, durante a segunda guerra mundial.

Zeno fica surpreso quando vê as próprias fotos, uma de cada ano de sua vida, pregadas numa vidraça da casa do avô; fotografias inseridas por Ágata em

brevíssimas cartas às quais Simone Coiffman pontualmente respondeu.

Zeno, despreocupado, extrovertido e amante das histórias em quadrinho, é perturbado pelos silêncios misteriosos vividos entre a mãe e o avô, também por isso a relação com o ancião começa a ter dificuldades e silêncios análogos, mas estes serão sempre mais preenchidos na medida em que as frágeis existências de ambos vão reconhecendo olhares que revelam o agradecimento recíproco, a beleza e a admiração de alguém que busca o outro porque deseja confiar.

No final de um século, então, inesperadamente, Zeno irrompe no silencioso e escondido cotidiano de Simone Coiffman.

O término do verão é uma metáfora da existência; alguma coisa pode mudar quando uma presença imprevista entra na vida de quem se fechou em si mesmo, decidindo muito breve não existir, não obstante uma satisfatória carreira de trabalho, uma mulher ao seu lado, ótima mulher e mãe, e não obstante o dom da amizade.

Na Itália as leis raciais são promulgadas em dezessete de novembro de 1938, o mesmo dia em que nasce Simone Coiffman, hebreu.

Deveria chamar-se Yitzhak, o recém-nascido, mas as leis anti-hebraicas há pouco tempo promulgadas, o desaconselhavam.

As leis raciais é que marcarão o coração e os dias de quem vê deportar o próprio pai, é obrigado a mudar de casa muito rápido e escuta do próprio irmão: “Tu deves ter um ideal e buscá-lo. Deves almejar e procurar... hospedar a esperança e a inquietação... Certo?”

Cada evento da existência de Simone Coiffman é escandido por uma oração: “Shema Israel Adonai Elohenu Adonai Ehad”: esta invocação dará o ritmo a cada acontecimento, a cada encontro, mesmo se nem sempre pronunciada com convicção.

O diálogo entre Zeno e Simone Coiffman acontece de modo perfeitamente simétrico; o mundo de Zeno é escandido pelos capítulos o do avô por uma progressiva cronologia que é o “resumo da minha vida, do que é permitido lembrar, ou reconstruir ou imaginar: onde a memória ilumina...”. A alternância é sabiamente narrada, uma clarifica a outra, passado e presente se entrelaçam: Zeno conhecerá tanto o próprio passado como o próprio futuro, e Simone Coiffman?

Ele se abrirá à vida, à alegria de existir. Zeno será aquele que lhe permitirá abrir-se a uma vida negada pelos eventos históricos; o ancião abandonará as cadeias com as quais queria concluir o seu não-existir, o “Shema Israel Adonai” do próprio ser gravado sobre eles, como um grito silencioso que se eleva a Quem é o autor da vida.

Um ancião que às vezes parece transformar-se “em uma criança chorona”, não porque o seja, mas porque não é simples compartilhar as próprias verdades; muitas vezes os outros não compreendem a importância do que se está dizendo entre lágrimas; é o que misteriosamente Zeno compreende: “meu avô era um universo de silêncio no qual eu havia entrado. Não sabia como. Mas estava seguro de tê-lo feito”. Sim, o jovem saberá escutar a solicitação de uma vida que pede para ser amada e acolhida, que precedentemente pensava em esconder-se para não existir e para não sofrer.

A história de Simone Coiffman se refaz na história verdadeira de Franco Debenedetti Teglio, guerrilheiro, a cuja memória o livro é dedicado. Talvez por isso as páginas do diário sejam evocativas, mesmo expressando num estilo linear, enxuto, claro, e comovente sua narração límpida e agradável. O romance é rico de argumentos variados: o norte e o sul, a política e a economia, os aspectos culturais e sociais de uma época; mas também a amizade, o amor e, tratado com requinte, o encontro da pré-adolescência com a idade senil, da vida com a morte.

O livro de Fábio Geda poder-se-ia resumir no que afirma Andrej Tarkovskij: “Você sabe: você falha em alguma coisa, está cansado e não pode fazer mais. E de repente encontra na massa o olhar de alguém, um olhar humano, e é como se você tivesse se aproximado de um divino esconderijo. E tudo se torna improvisamente mais simples”.

“Shema Israel Adonai Elohenu Adonai Ehad”: no encontro de uma jovem com um ancião.





*Como podemos restituir às nossas comunidades o sabor de Mornese?
Como vencer os caminhos da cotidianidade revestindo-os da novidade do encontro?*

Tu, Maria Domingas, mulher de firme pensar, havias compreendido que, na raiz de uma vida orientada para Deus, está o desejo da santidade. Uma santidade robusta mas também, alegre, luminosa, cheia de esperança.

Este seu firme pensar era uma presença: Jesus Cristo. Viver na Sua presença continuamente garantia o acompanhamento, infundia segurança, oferecia confiança.

Da mensagem da Madre por ocasião da abertura do 140º de fundação do Instituto

PALAVRAS

**SEJA HUMILDE COMO UMA CRIANÇA.
NÃO HÁ MODO MAIS SIMPLES
PARA CONTEMPLAR A BELEZA
DA NATUREZA**

LINUS MUNDY

